

### **Texto extraído da Dissertação de Mestrado da autora do minicurso – Denize Dutra**

Para Edgar Morin, a noção de Sujeito está relacionada a um conjunto de ideias, dentre as quais, autonomia e auto-organização que são inseparáveis, e estão implícitas no conceito de indivíduo que, para ele,

“é produto de um ciclo de reprodução, mas este produto é, ele próprio, reprodutor em seu ciclo, (...).Assim também, quando se considera, o fenômeno social, são as interações entre os indivíduos que produzem a sociedade, com sua cultura, suas normas, e esta retroage sobre os indivíduos humanos e os produz enquanto indivíduos sociais dotados de uma cultura.” (MORIN, 2004,p.118)

Quando se refere à autonomia, não fala de uma liberdade absoluta, mas de uma autonomia que depende do meio ambiente (biológico, cultural e social) que impacta, de alguma forma, a vida das pessoas, e como vamos ver neste estudo, até o modo como trabalham em equipe.

Para Morin, cinco princípios (egocentrismo, auto referência, exclusão, inclusão e incerteza) regem a construção do Sujeito, além de uma profunda e intrínseca relação com a afetividade e a liberdade, como está explicado adiante com os conceitos do autor, depoimentos dos próprios Sujeitos da pesquisa somados às minhas reflexões.

Para chegar à noção de sujeito, é preciso considerar que toda a dimensão biológica necessita de uma dimensão cognitiva, que é individual, porque

“é o ato pelo qual o sujeito se constitui posicionando-se no centro de seu mundo para lidar com ele, considerá-lo, realizar nele todos os atos de preservação, proteção, defesa, etc”. (MORIN, 2004,p.120).

Neste sentido, o primeiro movimento do sujeito seria o egocentrismo, ou seja, se colocar no centro do mundo. “O EU é o ato de ocupação do espaço que se torna o centro do mundo”. A identidade do sujeito comporta um princípio de distinção, de diferenciação e de reunificação. (MORIN, 2004,p.120).

Há um segundo princípio de identidade, o da permanência da auto referência, isto é, apesar das transformações e por meio delas, o EU pode continuar o mesmo, a despeito de suas modificações (mudança de caráter, de humor, transformações físicas devidas à idade), já que o

indivíduo modifica-se somaticamente do nascimento até a morte, mas o sujeito continua o mesmo (MORIN, 2004,p.121).

Este outro aspecto parece útil para tentar explicar o limite da influência do grupo sobre o indivíduo, pois mesmo assumindo uma identidade grupal, aceitando decisões por consenso, cedendo em alguns pontos de vista, cooperando com terceiros, não necessariamente o indivíduo perde a noção de que é sujeito.

Morin fala de um terceiro e um quarto princípios que não podem ser tratados separadamente, pois apesar de antagônicos, são complementares: a exclusão e a inclusão. O princípio da exclusão refere-se ao fato de que o EU é único e ninguém pode dizê-lo em meu lugar. Já o da inclusão refere-se ao NÓS, isto é, “eu posso incluir o meu EU em um NÓS, posso introduzir, em minha subjetividade e minhas finalidades, os meus parentes, minha família, minha pátria...” (MORIN, 2004,p.122). Este princípio supõe a possibilidade de comunicação entre os sujeitos de uma mesma espécie, de uma mesma cultura, de uma mesma sociedade, fato que tem significativa importância para o trabalho em equipe, já que não há equipe sem comunicação e sem este sentido de NÓS. Sabemos que trabalhar em equipe exigirá, em alguns momentos, ceder posições, o que significa que não ser necessária a alienação do próprio EU.

Existem duas ideias que estão diretamente relacionadas à noção de Sujeito, para Morin: a afetividade e a liberdade. A afetividade é o que permite os vínculos, e pode ser expressa de diversas formas, nas nossas atitudes com as pessoas. É um fator fundamental no trabalho em equipe, pois sem este vínculo afetivo entre as pessoas, o sentimento de coesão fica comprometido e, conseqüentemente, seu funcionamento e seus resultados, sejam eles de qualquer natureza, econômica ou social.

O papel da afetividade na formação do sentimento de confiança, como base para a autoestima, para desenvolvimento das inteligências e para o aprendizado já foi abordado por diversos autores da psicanálise, da psicologia e da educação. Por esses estudos e pela análise dos dados coletados na pesquisa ficou evidente para mim, que a capacidade de expressão emocional é reunida em padrões comportamentais inatos, mas o significado psicológico que passa a ser associado a estas expressões é adquirido gradualmente e depende essencialmente do contexto onde o indivíduo se desenvolve.

Já a liberdade “supõe, ao mesmo tempo, a capacidade cerebral ou intelectual de conceber e fazer escolhas, e a possibilidade de operar essas escolhas dentro do exterior”, ou seja, “o sujeito pode, eventualmente, dispor de liberdade e exercer liberdades” (MORIN, 2004,p.126). Isto me chama atenção para o fato de que, mesmo dispondo de liberdade, podemos não exercê-la, o que se tratando de trabalho em equipe dentro de organizações, pode ocorrer com muita frequência, dependendo do maior ou menor grau de maturidade e assertividade do sujeito e, até mesmo, da cultura organizacional vigente.

Morin (2004, p.127) quando se refere à incerteza como o quinto princípio da construção do sujeito, esclarece que esta incerteza diz respeito à dúvida de - “até que ponto Eu faço um discurso pessoal e autônomo, ou sob a aparência, que acredito ser pessoal e autônoma, não faço mais do que repetir ideias impressas em mim?”.

Na noção de sujeito de Morin, dentre outros paradoxos já comentados, vale agora ressaltar a idéia de TUDO-NADA, também implícita na noção de Sujeito: ora sou tudo, ora, em face da consciência da própria morte, sou nada! Neste aspecto, é preciso reconhecer que o

“Sujeito não é apenas ator, mas autor, capaz de cognição/escolha/decisão. A sociedade não está entregue somente a determinismos materiais, ela é um mecanismo de confronto/cooperação entre indivíduos sujeitos, entre os “Nós” e os “EU”.” (MORIN, 2004,p.127).